

TENDÊNCIAS DE ABERTURA SOBRE A IDENTIDADE LGBTI+ NO BRASIL: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DA PESQUISA NACIONAL DE 2019

Luddy Searom Carias de Moraes¹

Akira Borba²

Leandra Sobral Oliveira³

Wisney Batista dos Santos⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta parte dos resultados obtidos a partir da Pesquisa Nacional por Amostragem da População LGBTI+ 2019, realizada pela ONG TODXS. Para coletar os dados, foi aplicado um questionário *online* com TCLE, por meio do *Survey Monkey*. A coleta dos dados durou três meses e obteve 15326 respostas de pessoas LGBTI+, das 27 capitais do Brasil. Foi perguntado a essas pessoas quem sabia que elas eram LGBTI+ e as respostas foram categorizadas em: **1)** Ninguém sabe; **2)** Algumas pessoas sabem; **3)** Todo mundo sabe. Exploramos quantitativamente o perfil das pessoas que não tem abertura sobre sua sexualidade ou identidade de gênero (1,39% das respondentes). Pouco mais da metade destas pessoas é negra (50,49%); A maioria das pessoas que é abertamente LGBTI+ é branca; Mais de 70% das pessoas que ganham pelo menos 20 salários mínimos não escondem sua identidade LGBTI+, enquanto que quase metade das pessoas que recebem até um salário mínimo escondem suas identidades LGBTI+ de todo mundo; As pessoas que são muito novas (abaixo de 21 anos) e as mais velhas (acima de 55 anos), são mais propensas a não revelarem sua identidade LGBTI+ e; As pessoas com maior escolaridade apresentam maior abertura em relação a essas questões. Conclui-se que pessoas mais vulneráveis tendem a não ter grande abertura em relação

1 Bacharel em Ciências Biológicas (2021), analista de pesquisa quantitativa na ONG TODXS, contato luddy.searom@todxs.org;

2 Mestre em Educação (UFRGS), Doutoranda em Informática da Educação (UFRGS), Líder da equipe de Pesquisa da ONG TODXS, contato akira.borba@todxs.org;

3 Doutora em Psicologia Social (UERJ), Especialista em gênero e sexualidade (UERJ), Graduada em Psicologia (UERJ), analista de pesquisa na ONG TODXS Brasil, leandra.oliveira@todxs.org

4 Especialista em Psicologia Social (2023), Bacharel em Psicologia (2021), analista de pesquisa qualitativo na ONG TODXS, contato wisney.beriq@todxs.org.

à própria sexualidade ou identidade de gênero, se comparadas com pessoas mais privilegiadas. Classe, raça, idade e escolaridade impactam nas possibilidades de viver abertamente como pessoa LGBTI+.

Palavras-chave: Amostragem da População LGBTI+; Sexualidade; Identidade de Gênero; Classe; Raça.

INTRODUÇÃO

Quando uma pessoa LGBTI+ revela publicamente sua identidade sexual (ou seja, orientação sexual ou identidade de gênero) para outras pessoas, diz-se que esta saiu do armário. A ação de sair do armário pode ser observada como uma forma de resistência e empoderamento para as pessoas que podem sair dele, mas não é alternativa para uma porção significativa da população LGBTI+ (Sedgwick, 2007). O armário, então, é um dispositivo de regulação da vida da população LGBTI+, que surge a partir da imposição da necessidade de esconder a identidade sexual de um indivíduo, que o faz com o objetivo de evitar discriminações e violências. Este dispositivo é capaz de causar a sensação de isolamento e solidão (*ibidem*), ao fazer com que o indivíduo que se esconde dentro dele não seja capaz de compartilhar parte significativa da vivência humana (a sexualidade). Estes sentimentos contínuos são capazes de gerar estresse, conhecido como estresse de minoria (Meyer, 2003) gerando a longo prazo problemas de saúde mental, como a depressão (Baams *et al.*, 2015; Cisek *et al.*, 2023). Adolescentes LGBT são os que estão mais vulneráveis e propensos a cometer suicídio (Santos *et al.*, 2019), principalmente por não se sentirem pertencentes à sociedade heteronormativa (Barradas *et al.*, 2019).

Sair do armário não é algo tangível para a maior parte da população LGBTI+ no mundo e no Brasil (Pachankis; Bränström, 2019). Entre as pessoas que são LGBTI+, as que estão dentro das classes sociais mais baixas, as pessoas com menor escolaridade, as pessoas que são indígenas, negras ou amarelas e as pessoas que não são cisgênero, são as que mais frequentemente sofrem episódios de violência e discriminação (TODXS, 2022). Dentro do contexto da população geral, sabe-se que pessoas brancas, com maiores níveis educacionais e de classes sociais maiores conseguem, mais frequentemente, sair do armário (Herek, 2010), além disso, marcadores de gênero também são absolutamente importantes (Gates, 2011; Gates, 2014), revelando que a força deste dispositivo varia em função da classe social, raça, gênero, idade e orientação sexual (Coffman *et al.*, 2013; Herek *et al.*, 2010; Gates, 2014). Infelizmente, não existem muitos estudos sobre demografia da população trans, o que impossibilita fazer inferências robustas sobre quem está dentro ou fora do armário entre quem não é cisgênero, mas é possível visualizar que a qualidade de vida desta população é muito inferior que a de qualquer outra que seja LGBTI+, ao observar os números dos dossiês anuais da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) (Benevides, 2023).

Apesar do armário ser usado como um dispositivo de proteção, seu acolhimento é limitado e varia em função de vários aspectos demográficos, como renda,

raça, gênero, sexo, orientação sexual e escolaridade. Segundo relatório da TODXS sobre Violência e Discriminação (TODXS, 2022), as pessoas que estavam dentro do armário durante o ensino fundamental e médio reportaram mais frequentemente nunca terem sofrido violência, se comparadas àquelas que já estavam fora do armário em algum grau (em que pelo menos alguém sabia da identidade sexual delas). No entanto, quase 60% (durante o ensino fundamental) e quase 40% (durante o ensino médio) relataram já ter sofrido violência, mesmo estando dentro do armário. O objetivo deste estudo é identificar quais são as pessoas que podem sair do armário, utilizando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTI+, da TODXS.

METODOLOGIA

A pesquisa por amostragem foi estruturada em uma plataforma online que permitisse a realização das 115 perguntas, incluindo condicionais, e acesso à base de dados para análise posterior. Dessa forma, selecionou-se a plataforma online SurveyMonkey (<https://pt.surveymonkey.com>). Tendo em vista que 71% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet (NIC.BR, 2020), a aplicação online, auxiliada por ampla divulgação, seria a opção viável de coleta a nível nacional.

É importante ressaltar que a Pesquisa: (i) utilizou-se um método que possui amostras representativas da população universal; (ii) nasceu devido à ausência de pesquisas confiáveis sobre a população LGBTI+ de municípios de médio e pequeno porte. Por isso, foi necessário mapear municípios comparáveis em suas características em cada uma de suas regiões; e (iii) seriam necessários mais recursos financeiros para a realização de uma pesquisa que levasse em consideração os municípios de médio e pequeno porte - algo que a organização não possuía no momento.

A Pesquisa coletou informações de pessoas LGBTI+ das 27 capitais das Unidades da Federação. Com duração de aproximadamente três meses, o período de coleta e divulgação foi iniciado em 04 de abril e encerrado no dia 03 de julho de 2019 e obteve 15326 respostas de pessoas maiores de 18 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Somente 1,39% dos respondentes afirmam que ninguém sabe sobre suas identidades sexuais, portanto a maioria das pessoas que responderam ao questionário estão, de algum modo, fora do armário (**Figura 1**). Ao analisar estes dados através de um recorte de raça, observa-se que a maior parte das pessoas

que não revelam suas identidades sexuais são negras (**Figura 2**). Ainda, ao olhar para outras etnias, as pessoas indígenas relataram mais frequentemente compor a porção de pessoas que não revelam suas identidades sexuais (**Figura 2**). Desta forma, percebe-se que as pessoas brancas são as que mais estão revelando suas identidades sexuais, provavelmente por conta de privilégios estruturais que são vividos em nossa sociedade (**Figura 2**).

Figura 1 - Frequência das categorias de resposta à pergunta sobre abertura em relação a identidade sexual.

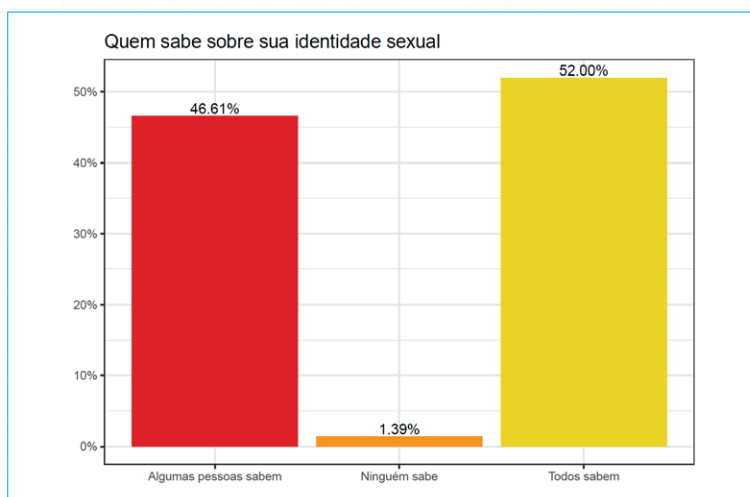
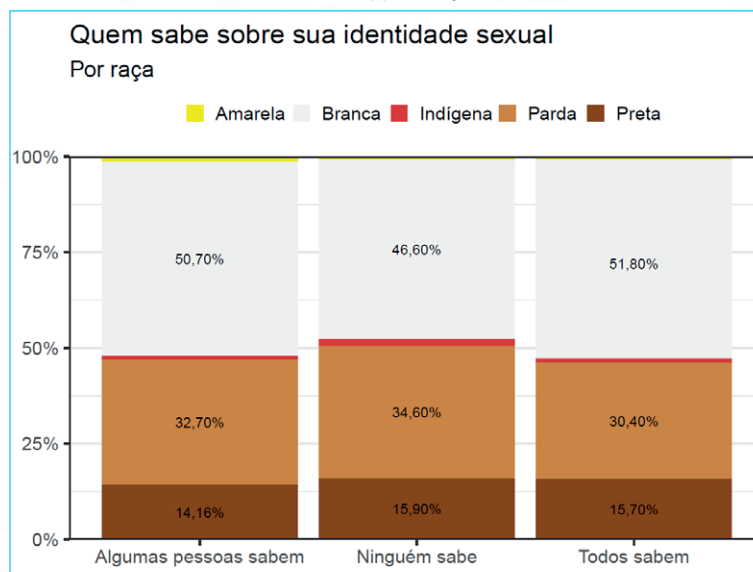


Figura 2 - Frequência das categorias de resposta à pergunta sobre abertura em relação a identidade sexual, por raça.



É possível perceber que o poder aquisitivo das pessoas respondentes também está associado à propensão a revelar ou não a sua identidade sexual (**Figura**

3) As pessoas que relataram receber mais salários mínimos também tendem a relatar revelarem à todos a sua identidade sexual com maior frequência, quando comparadas as que recebem menos salários mínimos (**Figura 3**). Entende-se que as pessoas que possuem maior poder aquisitivo também acabam por ter maior liberdade e segurança para revelarem suas identidades.

Algo semelhante ocorre com o nível de escolaridade, já que, conforme aumenta, o número de pessoas que relatam terem níveis educacionais superiores também relatam mais frequentemente que são mais abertos em relação a suas identidades (**Figura 4**). Neste caso, no entanto, a maior parte das pessoas que relataram não terem o ensino fundamental completo também responderam que não escondem suas identidades sexuais (**Figura 4**). Entretanto, é possível visualizar que há maior frequência de pessoas que não deixam que ninguém saiba sobre suas identidades sexuais dentro do grupo que possui menor escolaridade. A proporção de pessoas que não revelam sua identidade a ninguém tende a diminuir em função de maiores níveis educacionais (**Figura 4**).

Figura 3 - Frequência das categorias de resposta à pergunta sobre abertura em relação a identidade sexual, por renda.

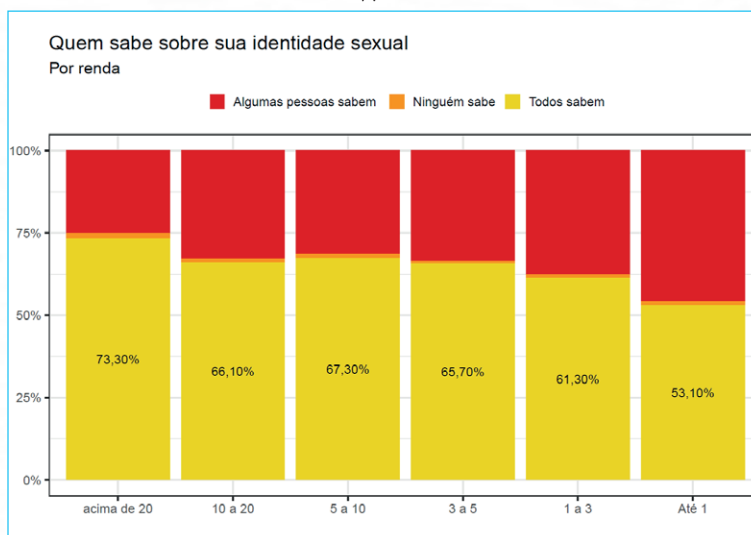
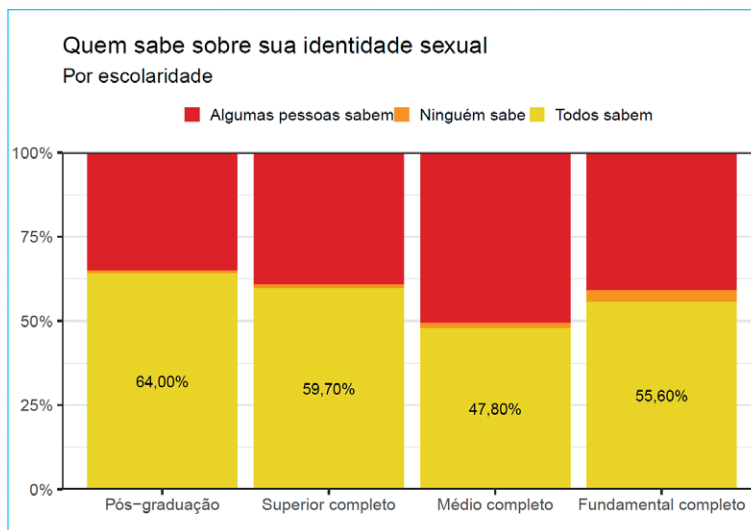
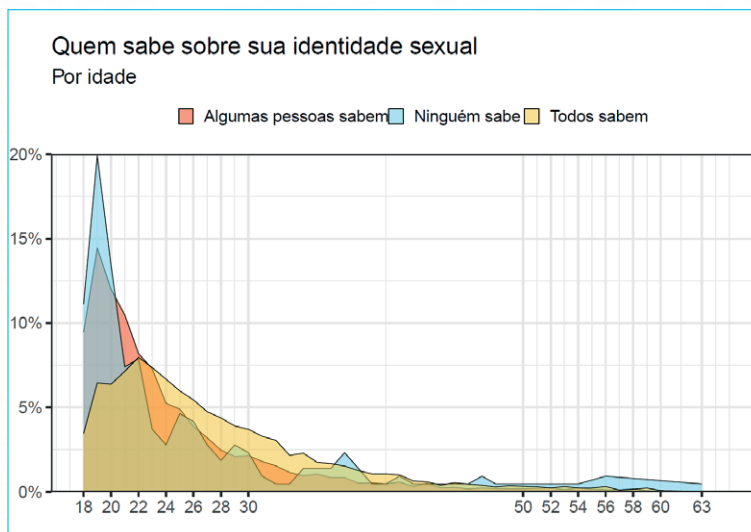


Figura 4 - Frequência das categorias de resposta à pergunta sobre abertura em relação a identidade sexual, por escolaridade.



Ao analisar os dados por idade das pessoas respondentes, percebe-se que a maior incidência de pessoas que não revelam sua identidade para ninguém está concentrada entre os respondentes mais jovens e os mais velhos (**Figura 5**). Isso possivelmente se deve ao fato de que pessoas muito jovens ainda são inseguras, não construíram suas vidas e não tem independência financeira, de forma que ainda se apoiam em familiares para sobreviver. Ao mesmo tempo, as pessoas mais velhas provavelmente não tiveram a oportunidade de revelar suas identidades enquanto eram mais jovens, mesmo reconhecendo sua própria identidade sexual, por conta do preconceito mais intenso e frequente na época. Entende-se que muitas delas não consideram que valha a pena revelar sua identidade tão tarde, e por isso preferem continuar a não se abrir sobre sua identidade para ninguém.

Figura 5 - Frequência das categorias de resposta à pergunta sobre abertura em relação a identidade sexual, por idade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corroborando várias pesquisas sobre demografia LGBT no Brasil e no mundo, esta pesquisa traz que o armário é um dispositivo que opera de formas diferentes em função da raça, escolaridade e classe social. Isso significa que pessoas que compõem diferentes grupos na nossa sociedade (pessoas pretas e indígenas, pessoas de classes sociais mais baixas e pessoas com menor escolaridade) terão mais dificuldade para sair do armário. Além disso, as características que compõem estes grupos são comumente convergentes e sinérgicas para este efeito (sair do armário), mas outros estudos são necessários para confirmar o grau de correlação entre os grupos.

Faz-se necessário estudar a interseccionalidade presente na população LGBT, já que a saída do armário não é homogênea, a fim de compreender melhor como este dispositivo é vivido por cada pessoa. Sugere-se que pesquisem futuras se debruçam sobre como este dispositivo opera sobre pessoas transexuais, já que estas são frequentemente negligenciadas em diversos estudos demográficos e sobre sexualidade/gênero.

REFERÊNCIAS

BAAMS, L. *et al.* Minority Stress and Mechanisms of Risk for Depression and Suicidal Ideation among Lesbian, Gay, and Bisexual Youth. **Developmental Psychology**, v. 51, n. 5, p. 688-696, 2015.

BARRADAS, L. C. *et al.* Suicídio de jovens LGBT: quando o aro-íris se apaga. **16^a Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, DF: Brasília, 30 de outubro a 03 de novembro de 2019.

BENEVIDES, B, G. Dossiê: Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2022. **ANTRA**. Disponível em < [dossieantra2023.pdf \(wordpress.com\)](#) >. 2023.

CISEK, A.; ROGOWSKA, A. M. The Relationship between Minority Stress and Depressive Symptoms in the LGBTQA Population from Poland. **European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education**, v. 13, n. 6, p. 1000-1014, 2023.

GATES, G. J. How many people are lesbian, gay, bisexual and transgender? **UCLA, the Williams Institute**, Disponível em: < [How Many People are Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender? - Williams Institute \(ucla.edu\)](#) >. 2011.

GATES, G. J. LGBT demographics: comparisons among population-based surveys. **UCLA, the Williams Institute**, Disponível em: < [LGBT-Demographics-Comparison-Oct-2014.pdf \(ucla.edu\)](#) >. 2014.

HEREK, G. M. *et al.* Demographic, psychological, and social characteristics of self-identified lesbian, gay, and bisexual adults in a US probability sample. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 7, n. 3, p. 176-200, 2010.

MEYER, I. H. Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. **Psychological Bulletin**, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003.

PACHANKIS, J. E.; BRÄNSTRÖM, R. How many sexual minorities are hidden? Projecting the size of the global closet with implications for policy and public health. **PlosOne**, v. 14, n. 6, e0218084, 2019.

SANTOS, G. M. *et al.* Comportamento suicida, fatores sociais e psicológicos de risco entre a população LGBT. **Grupo Tiradentes**. 2019.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, v. 28, p. 19-54, 2007.

TODXS. Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTI+: Discriminação e Violência. **TODXS**. 2022.